

GRAMATICALIZAÇÃO DE CONECTIVOS PORTUGUESES: UMA TRAJETÓRIA DO ESPAÇO PARA O TEXTO

MÁRIO EDUARDO MARTELOTTA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: This paper is a functional investigation of grammaticalization processes that underlie the development of a number of connectives in Portuguese, with special attention to the item ainda. We argue that the cline space > time > text is a strong cognitive motivation to the development of these connectives. According to the cline, spatial deictics, related to “real world” concepts, develop more abstract concepts belonging to the world of texts. The data presented in this paper also suggest the existence of cognitive-communicative strategies related to speaker-addressee negotiation that motivate change.

KEYWORDS: adverbs; connectives; grammaticalization; cognition.

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma análise dos processos de gramaticalização que estão na base do desenvolvimento de alguns conectivos portugueses. Procuramos demonstrar que a trajetória de mudança por gramaticalização espaço > tempo > texto (Heine *et al.* 1991; Heine 2007) caracteriza os usos de vários conectivos de nossa língua, atuando, de modo relativamente regular, no desenvolvimento desses elementos gramaticais. Seguindo essa trajetória, itens de valor espacial – em sua maioria dêiticos – passam a assumir função textual¹, podendo ou não, intermediariamente, assumir sentido temporal.

Partimos do princípio de que essa trajetória constitui a manifestação de forças cognitivas, relacionadas à captação de dados da experiência, bem como ao acesso, à utilização e à transmissão adequada desses dados em con-

¹ Consideramos que desempenha função textual o elemento lingüístico que ajuda a promover a organização do texto, de modo que ele veicule significado no processo da interação verbal. Desse modo, não apenas os conectivos propriamente ditos apresentam valor textual, mas também os retomadores de assunto, os marcadores de contra-expectativa, os iniciadores de fala, e, de um modo geral, elementos que refletem estratégias interativas de comunicação.

textos reais de comunicação. Sendo assim, essa trajetória não apenas se manifesta como um fenômeno translingüístico, mas também como uma tendência atemporal, capaz de descrever a polissemia dos conectivos em diversas fases da evolução de uma mesma língua.

A análise que aqui desenvolvemos tem base na lingüística cognitivo-funcional (Tomasello 1998; 2003), segundo a qual a linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana. Sua estrutura, longe de ser um conhecimento fechado, constitui o reflexo de processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos. Nesta concepção, portanto, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem, incorporando, ao processo de significação, o sujeito, ou seja, a perspectiva daqueles que produzem o discurso (Martelotta 2006).

Com relação aos exemplos apresentados em nossa análise, utilizados apenas para ilustrar as trajetórias de mudança aqui analisadas, vale dizer que buscamos exemplos reais de vários tipos de textos, orais e escritos, de diferentes épocas da evolução histórica do português, exceto quando citamos outros autores ou quando objetivo era apenas indicar uma determinada trajetória de gramaticalização. Nesses casos, apresentamos os exemplos dos autores citados ou utilizamos exemplos criados a partir de nossa intuição, própria de qualquer falante nativo.

Os exemplos do português arcaico foram retirados dos textos Orto do Esposo (Maler 1956) e Livro das Aves (Rossi *et al.* 1965). Os exemplos do português contemporâneo foram basicamente retirados do *corpus* Discurso & Gramática (D&G)-Rio de Janeiro, organizado por Oliveira e Votre (1995). Esse *corpus* foi elaborado por membros do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da Universidade Federal do Rio de Janeiro e é constituído de um conjunto de entrevistas faladas e escritas, concedidas por falantes de CA infantil e adulto, 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Esses informantes, em uma situação de relativa informalidade, eram solicitados a contar uma história que eles tivessem vivenciado e uma história que eles tivessem ouvido de alguém, a descrever um local, a relatar os procedimentos necessários para se concretizar alguma atividade e a dar sua opinião acerca de algum tema polêmico. Desse modo, o *corpus* apresenta os seguintes tipos de texto: narrativas, descrições, relatos de procedimento e relatos de opinião. Logo após terem suas falas gravadas pelos entrevistadores, os informantes escreveram, com a maior fidelidade possível, o que eles tinham acabado de falar.

2. Gramaticalização

Gramaticalização é um processo, por definição, unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos,

passam a assumir **funções gramaticais** e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (Hopper e Traugott 2003; Heine e Kuteva 2007). Essa definição apresenta alguns pontos que devem ser observados, a fim de que se entenda melhor a natureza do processo de gramaticalização. Vejamos cada um deles.

2.1 Léxico e gramática

A distinção entre categorias lexicais e gramaticais é parte de uma teoria geral das classes de palavras (ou partes do discurso), que tem suas raízes na gramática greco-romana. Essa tradição gramatical desenvolveu uma visão categórica das classes de palavras, no sentido de que ou o elemento pertence a uma classe, ou pertence a outra, não existindo a possibilidade de uma situação intermediária ou ambígua. Nesse sentido, é possível estabelecer a seguinte distinção entre elementos do léxico e da gramática:

Léxico – É constituído de elementos que estabelecem uma relação de referência com dados do universo biossocial: designam entidades, ações e qualidades (Martelotta, Votre e Cezario 1996). Esses elementos possuem valor referencial, e, portanto, um caráter objetivo, uma vez que refletem uma associação mais direta com fatos do mundo extralingüístico.

Ex: substantivos, verbos plenos, adjetivos.

Gramática – É formada de elementos que organizam os itens do léxico no discurso, tendendo a adequar-se a restrições morfossintáticas ou a veicular estratégias pragmático-discursivas. Esses elementos possuem um valor estrutural ou funcional, que, por assumirem um papel referente à organização interna da gramática ou do discurso, possuem caráter mais subjetivo. Ex: Preposições, conjunções, artigos, verbos auxiliares, marcadores discursivos.

É, contudo, muito difícil estabelecer uma distinção categórica entre esses dois conceitos. Onde estariam localizados, por exemplo, os advérbios? Por um lado, esses elementos apresentam características de itens lexicais, já que expressam circunstâncias. Por outro lado, os advérbios, segundo Brinton e Traugott (2002) e Heine (2003) exibem características de classes fechadas, confundindo-se, em alguns casos, com conjunções. Uma possível resposta à pergunta acima seria: os advérbios são termos intermediários, já que possuem ao mesmo tempo características do léxico e da gramática. Sendo assim, a mudança de substantivo para advérbio, que, como veremos mais adiante (exemplo 4), caracteriza os usos do item *logo* constitui um movimento de gramaticalização, que prossegue em direção a um valor ainda mais gramatical, já que o item passa a desempenhar, entre outras, a função de conectivo conclusivo.

A questão é, portanto, bastante complexa, uma vez que, dentro das diferentes classes, se encontram elementos de natureza diferente (Lehman: 2002). Isso nos leva a concluir que a distinção entre léxico e gramática não é categórica, devendo ser entendida como um *continuum*, que apresenta, de

um lado, elementos prototipicamente lexicais, como o substantivo e o verbo pleno, e de outro, elementos prototipicamente gramaticais, como a preposição e a conjunção. Qualquer distinção, portanto, feita pelo pesquisador representa uma escolha eventual ou arbitrária (Givón 2005), normalmente associada aos objetivos da pesquisa.

É especialmente interessante, nesse sentido, observar a análise de Nunes (1989), que, ao questionar a divisão das “partículas” em quatro espécies, advérbios, preposições, conjunções e interjeições, propõe que existem apenas duas. Uma, que compreende as partículas de sentimento ou interjeições e outra, que compreende as partículas de relação: os advérbios, as preposições e as conjunções, entre os quais, segundo o autor, não há, em rigor, diferença real, uma vez que as conjunções provêm basicamente de advérbios e destes as preposições latinas que foram adotadas pela nossa língua. Essa análise não reflete a visão tradicional, segundo a qual advérbios e proposições são classes distintas.

Assume, portanto, importância fundamental para a compreensão dos processos de gramaticalização aqui apresentados a rejeição de uma visão categórica das classes gramaticais. Os elementos lingüísticos não têm valores fixos, já que a estrutura gramatical das línguas se apresenta como um organismo essencialmente dinâmico (Hopper 1998), sujeito às adaptações promovidas pelos usuários aos diferentes contextos de comunicação. A gramaticalização é um reflexo dessa adaptação, portanto, implica processo, movimento, o que leva às noções de *continuum* e de traços prototípicos.

Vejam agora alguns exemplos clássicos de gramaticalização, em que o elemento lexical passa a apresentar funções gramaticais:

a) A passagem de verbo pleno para verbo auxiliar

- (1) a. **Vou** para casa, falar com Paulo > **Vou** falar com Paulo > **Vai** chover. (Martelotta, Votre e Cezario: 1996)
 b. **Tenho** os trabalhos feitos. > **Tenho** feitos os trabalhos > **Tenho** feito os trabalhos. (Mattos e Silva: 2002)

b) A passagem de vocábulo livre para afixo

- (2) a. Tranqüila **mente** > tranquilamente
 b. Cantar **hei** > cantarei

c) A passagem de advérbio para conectivo

- (3) a. ...uma lata de leite condensado... mas não vai escrever pelo menos... lógico, pega **aí** o lápis... (D&G – 3º Grau)
 b. ... no dia que teve a formatura do meu primo quando ele... terminou... o segundo grau... a gente foi pra festa e:... tinha uma porção de amigo nosso na festa... **aí** a gente bebeu pra caramba

- ((riso)) **aí** saiu da festa/ quando acabou a gente saiu da festa... foi pra um outro bar... ainda... lá em Botafogo... **aí** terminamos a noite... a gente pegou o carro pra voltar pra:.... pra casa... **aí** eu alucinado... pô... vim alucinado com o carro... **aí** no meio do Rebouças... **aí** bati num Voyage ((riso)) perdi a direção do carro e fui raspando o carro pelo paredão do túnel assim... uns cem metros... **aí** eu parei o carro e... (D&G – 3º Grau)
- c. ...outro dia meu pai... outro dia meu pai foi dirigir... né? ele estava bêbado... **aí**... meu pai bateu com o carro... (D&G-CA infantil)

Os exemplos acima ilustram processos em que os elementos lingüísticos, inicialmente lexicais (verbos plenos no exemplo (1), vocábulos autônomos, no exemplo (2) e advérbios dêiticos espaciais no exemplo (3)) passam a desempenhar funções gramaticais (verbos auxiliares, afixos e conectivos, respectivamente). Todos constituem, portanto, casos de mudança por gramaticalização. A mudança sofrida por *aí*, que se reflete nos exemplos apresentados em (3) é a que nos interessa mais diretamente aqui, já que indica a trajetória espaço > tempo > texto (Heine *et al.* 1991), através da qual o item, originalmente dêitico espacial, passa a unir cláusulas em uma seqüência temporal (exemplo b) e a estabelecer uma relação de causa e efeito (exemplo c).

2.2 Gramaticalização envolvendo itens lexicais e construções sintáticas

O processo de gramaticalização, normalmente, envolve não apenas lexemas, mas seqüências morfossintáticas, ou seja, construções. O caso do vocábulo *aí*, apresentado no exemplo (3) acima, ilustra um processo de gramaticalização envolvendo apenas um item (desde que não observemos o contexto sintático ou discursivo em que ele ocorre). Entretanto, os casos mais comuns de gramaticalização atuam sobre construções sintáticas, que, sofrendo coalescência e conseqüente perda de material fonético, tornam-se um único vocábulo, de valor gramatical. É o que ocorre com a passagem *em boa hora* (temporal) > *embora* (concessivo). Trata-se de um processo que tem como ponto de partida a antiga expressão de valor temporal *em boa hora*, que, segundo Said Ali (1971: 189), era comumente acrescida “a frases optativas ou imperativas, por sinceridade ou mera cortesia”, em virtude de uma crença que existiu na era medieval e ainda nos séculos subseqüentes de que o êxito dos atos dependia da hora em que eram praticados. Eis um exemplo apresentado pelo autor:

- (4) Que dissesse **em boa hora** o que lhe aprouvesse.

Said Ali (1971), propondo que as três palavras fundiram-se em uma só, apresenta um exemplo de Vieira:

- (5) Vay-te **embora**, ou na má hora.

Com esse processo, o termo perde seu sentido original, assumindo dois valores distintos. No primeiro, como advérbio, o elemento dá uma idéia de afastamento e se liga basicamente a verbos de movimento como *ir* e *vir* (vou/ venho embora), o que torna o inteligível junto a verbos estáticos, uso que já foi possível no português. No segundo, como conectivo, apresenta um valor concessivo, sendo, argumentativamente, contrastivo em relação à sentença à qual se subordina. Os exemplos (6) e (7), abaixo, ilustram, respectivamente, esses dois valores:

(6)... continuei no local... e eles quiseram ir **embora**... (D&G – 3º Grau)

(7) **Embora** a noite tenha tido isso de engraçado, é triste saber que um garoto de dez anos estava às onze da noite vendendo rosas de mesa em mesa em um bar enquanto deveria estar dormindo, e pior, sem esperança nenhuma de alcançar sucesso na vida. (D&G – 2º Grau-Escrita)

Nos dois exemplos, podemos notar o enfraquecimento do sentido temporal que o termo originalmente apresenta. E, especificamente no exemplo (7), percebemos o fortalecimento do ponto de vista pragmático, já que *embora* encerra uma contra-expectativa. Traugott e Dasher (2005) argumentam que há uma tendência geral de os sentidos dos elementos lingüísticos caminharem na direção de uma subjetivização (com aumento da expressividade conseqüente da perspectiva do emissor) e de uma intersubjetivização (em função de essa expressividade estar voltada para as expectativas do receptor). Isso se deve ao fato de emissor e receptor negociarem sentido de maneira interativa nos contextos específicos de comunicação, ou seja, o emissor, ao exercer seu turno comunicativo, convida o receptor a inferir novos sentidos a partir do contexto de uso.

É o que parece acontecer com o item *embora*. Said Ali (1971: 190) propõe que a origem do valor contrastivo desse item está no fato de que o uso original de *embora* também podia introduzir sentenças para “denotar que se concede a possibilidade do fato, ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento”. Esse processo reflete a pressão pragmática. Eis um dos exemplos do autor:

(8) Ria **embora** quem quisesse, que eu em meu siso estou.

Casos como o do desenvolvimento do valor concessivo de *embora* ilustram a gramaticalização de construções, que, com a fusão de formas adjacentes, torna-se um elemento gramatical, demonstrando o caráter essencialmente contextual do processo. Hopper e Traugott (2003) chamam atenção para o fato de que os lexemas se gramaticalizam apenas em contextos morfossintáticos altamente específicos e sob condições pragmáticas determinadas. Ao descreverem a passagem do verbo inglês *go* de pleno para auxiliar, indicador de tempo futuro, propõem que de fato não foi o verbo isolado que

sofreu a gramaticalização, mas a construção *be going to*, em contextos de finalidade². A expressão *be going to* sofre reanálise e, conseqüentemente redução fonológica, assumindo a forma *gonna*.

A passagem do léxico para a gramática, tal como exemplificado nos trechos acima, tende a envolver, de acordo com Heine e Kuteva (2006; 2007), quatro parâmetros inter-relacionados:

a) **Extensão** (ou generalização de contextos) – caracteriza-se pelo desenvolvimento de usos em novos contextos. Os elementos envolvidos no processo assumem, com a mudança, um novo conjunto de contextos de uso, assim como as características estruturais deles decorrentes.

A extensão constitui um parâmetro central para o surgimento de novos sentidos gramaticais, já que, sendo, por natureza, pragmática, caracteriza o surgimento de novos sentidos gramaticais, a partir de um aumento dos contextos de uso do item envolvido no processo. O surgimento de novos usos tende a causar a decategorização do item, assim como um aumento de sua frequência de uso. Com o aumento da frequência, vem a perda de informatividade (já que termos muito freqüentes tendem a perder expressividade) e a redução fonética (já que palavras muito previsíveis tendem a ser pronunciadas de modo simplificado). Isso nos leva aos demais parâmetros.

b) **Dessemantização** (*bleaching*, redução semântica) – caracteriza-se pela perda de conteúdo semântico. Os elementos envolvidos no processo de gramaticalização perdem valor referencial, e, ao assumir a nova função gramatical, adquirem valores de natureza pragmático-discursiva.

A dessemantização é conseqüente não apenas de uma possível perda de expressividade, proveniente da alta frequência de uso. Devemos observar também que, ao ser utilizado em novos contextos (extensão) a expressão lingüística tende a perder parte de seu sentido original ao ser reinterpretada nesses novos contextos. Em outras palavras, o uso de uma expressão lingüística X em um contexto Y implica que X perca parte de seu sentido original, ou seja, aquela que é incompatível com o contexto Y.

c) **Decategorização** (ou mudança categorial) – caracteriza-se pela perda de propriedades típicas das formas fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (cliticização, afixação). Com isso os elementos perdem a liberdade sintática característica dos itens lexicais, deixando de ser opcionais e tornando-se obrigatórios³.

² Algo semelhante ocorre com o verbo português *ir*, conforme podemos ver no exemplo 1a.

³ Traugott e Dasher (2005), ao argumentarem que o desenvolvimento de marcadores discursivos, elementos que apresentam grande liberdade sintática, pode ser explicado pela teoria da gramaticalização, propõe que a cliticização não seja considerada uma característica básica da gramaticalização e sim extensão e erosão. Essa é uma discussão que divide autores que estudam o fenômeno. Para maiores informações ver Votre, Cezario e Martellotta (2004)

A decategorização, quando relacionada ao processo de gramaticalização, constitui uma passagem de categoria aberta, como substantivo e verbo, para categoria fechada, como conjunção e marca de tempo e aspecto. Com o processo, ocorre a perda das propriedades morfossintáticas do uso original: perda da possibilidade de se flexionar e de receber morfologia derivacional, redução de membros pertencentes ao mesmo paradigma gramatical, entre outras características.

e) **Erosão** (ou redução fonética) – caracteriza-se pela perda de substância fonética. O elemento tende a sofrer coalescência (fusão de formas adjacentes) e condensação (diminuição de forma).

A erosão, como dissemos anteriormente, é normalmente vista uma consequência da frequência de uso do item ou da construção. Esse processo implica coalescência (Heine 2003), em que construções inteiras são envolvidas no processo, como ocorre com *em boa hora* > *embora*, ou mera perda fonética como desaparecimento de sílabas ou de tonicidade, como vemos na passagem *você* > *ce*, que vemos no português do Brasil.

É importante registrar aqui que, conforme argumenta Heine (2003), embora nenhum desses parâmetros seja específico do processo de gramaticalização, o modo estruturado que caracteriza sua atuação no surgimento dos elementos gramaticais das línguas pode ser visto como um grande organismo, ou um processo geral distinto, característico da mudança por gramaticalização.

2.3 A gramaticalização como processo unidirecional

O processo de gramaticalização é unidirecional no sentido de que elementos lexicais se tornam gramaticais, e não o contrário. As línguas, de um modo geral, apresentam casos de advérbios que assumem funções típicas de conectivos, ou de verbos plenos que passam a indicar categorias gramaticais, tornando-se auxiliares, mas o contrário é muito pouco comum.

A hipótese da unidirecionalidade está presente nos estudos de mudança pelo menos desde as primeiras propostas funcionalistas, que ressaltam a importância de análise de estágios anteriores da evolução de uma língua para compreender sua estrutura. A ideia de que a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem, relacionada a um ciclo evolutivo mais geral discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero (Givón 1979) reflete essa visão unidirecional da mudança lingüística.

Propostas como essas foram sustentadas por descobertas como as de Sankoff (1980), que, ao estudar o tok pisin, língua proveniente de um pidgin de mesmo nome de Papua/ Nova Guiné, demonstraram as origens discursivas de determinadas estruturas sintáticas. As pesquisas da autora feitas em uma situação de pidginização, ideal para se detectar o surgimento de novas formas, revelaram, por exemplo, a origem espacial do elemento *ia*, proveniente do inglês *here*, que se desenvolve em estruturas gramaticais mais complexas como relativizações e sentenças clivadas.

Mais recentemente surgiram críticas à hipótese da unidirecionalidade, acompanhadas da apresentação de contra-exemplos ao processo (Campbell 2001). Adotaremos a posição de Heine (2003) e de Haspelmath (2006), segundo a qual esses contra-exemplos, além de não apresentarem uma reversão completa de gramaticalização, constituem casos idiossincráticos, no sentido de que não se prestam para generalizações translingüísticas.

A hipótese da unidirecionalidade está normalmente associada à idéia de que, há uma forte tendência de o elemento lingüístico, em conseqüência da alta freqüência de uso, não apenas sofrer erosão fonética, mas perder em complexidade semântica. De fato, gramaticalização implica a redução de traços semânticos associados à referencialidade concreta do elemento envolvido no processo.

Essa visão, entretanto, é bastante problemática e foi desafiada pela proposta de que há um mapeamento de um domínio semântico para outro (Sweetser 1990). Além de mostrar que mudança semântica não é arbitrária, Sweetser deixou a idéia de que, se por um lado, há perda de especificidade concreta (bleaching), não há perda de complexidade semântica, já que alguns traços permanecem, sendo simplesmente transferidos para outro mundo ou domínio. Algo semelhante ocorre com a trajetória de Heine *et al.* (1991):

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Trajetórias como essas focalizam estruturas cognitivas, que caracterizam as fontes e os alvos do processo de mudança lingüística. Além disso, os elementos dessa escala apresentam grau crescente de abstratização e constituem entidades prototípicas, que representam domínios de conceptualização importantes para a estruturação de nossa experiência. A relação entre essas entidades é metafórica por natureza, ou seja, tende a haver uma transferência semântica de um elemento para o outro: *metáfora objeto para espaço, metáfora espaço para tempo*, entre outras.

Seguindo a mesma proposta de base metafórica, Heine *et al.* (1991) argumentam que, quando se trata do desenvolvimento de conectivos, o que ocorre é uma trajetória de mudança espaço > tempo > texto, que reflete um processo de transferência do mundo das experiências sensório-motoras, dos objetos visíveis, dos processos cinéticos, das relações espaciais e temporais para o mundo do discurso” (Heine *et al.* 1991). Esse processo será desenvolvido mais detalhadamente adiante.

Em Traugott e Dasher (2005), podemos ver um tipo diferente de mecanismo associado à hipótese da unidirecionalidade. Para a autora, são importantes os caminhos da gramaticalização relacionados à pressão pragmática. Essa visão reflete a idéia de que emissor e receptor negociam interativamente o significado nos diferentes contextos de uso, num processo que podemos chamar de inferência sugerida. Esse processo reflete um conjunto de complexidades associados ao ato comunicativo que o emissor utiliza, evocando implicaturas e convidando o receptor a inferi-las.

Essa visão identifica o processo de gramaticalização com a metonímia. Traugott e Dasher (2005) chamam atenção para a natureza contextualizada do processo metonímico, demonstrando a importância do mecanismo de convencionalização de inferências conversacionais no processo. Vejamos, em um exemplo de Traugott e König (1991), o que ocorre nesses casos:

- (9) a. I have done quite a bit of writing **since** we last meet. (temporal)
 b. **Since** Susan left him, John has been very miserable (temporal, causal)
 c. **Since** you are not coming with me, I will have to go alone. (causal)
 d. **Since** you are so angry, there is no point in talking with you. (causal)

Quando *since* se refere a eventos, especialmente eventos no passado, a leitura é tipicamente temporal (9a) e quando se refere a eventos não passados ou a estados, a leitura é tipicamente causal (9c e 9d). O valor causal surge de certos contextos em que ele pode ser inferido do sentido temporal original (9b). Essa é essência do que ocorre no mecanismo de pressão pragmática. Através do tempo, os falantes podem começar a usar implicaturas conversacionais estrategicamente, ou seja, convidar à utilização de sentidos conversacionais, que, por sua vez podem se convencionalizar, ou seja, uma nova polissemia pode se desenvolver. Isso levou Heine (2003) a propor um *modelo em três estágios*, chamado *overlap model*:

- (i) Há uma expressão lingüística A, que é recrutada para cumprir gramaticalização.
 (ii) Esta expressão adquire um segundo padrão de uso B, que apresenta ambigüidade em relação a A.
 (iii) Finalmente A se perde, ou seja, agora há apenas B.

Como podemos notar, os trabalhos mais tradicionais em gramaticalização admitem a existência de processos de inferência metafórica e metonímica, atribuindo-lhe status de mecanismos complementares. Enquanto a metonímia é mais localizada e se associa a processos de pressão pragmática e reanálise, a metáfora, relacionada ao processo de analogia, se ocupa de estender os usos do elemento a outros contextos. Traugott e Dasher (2005) propõem que a noção de metonímia seja expandida para dar conta das noções de subjetivização e intersubjetivização, conseqüentes da combinação do mecanismo de inferência metonímica com as estratégias retóricas utilizadas pelo falante no ato da comunicação.

2.4 Motivações para o processo de gramaticalização

Pensar sobre a teoria da gramaticalização implica ter em mente um conceito de gramática. Estamos trabalhando aqui com um conceito de gramática que engloba aspectos comunicativos e cognitivos. Ou seja, estamos utilizando uma teoria que leve em conta o uso lingüístico, baseada em autores como Traugott (2003), Traugott e Dasher (2005), Brinton e Traugott (2005), entre outros, que defendem uma proposta teórica associada à teoria das construções gramaticais e à lingüística cognitiva. Nesse sentido, a gramática depende da relação emissor/ receptor, como participantes do ato da comunicação, que negociam o sentido, de modo interativo, ao mesmo tempo respondendo ao contexto e criando contexto.

Os fenômenos associados à gramaticalização são essencialmente gradientes e variáveis. Eles se processam seguindo passos mínimos, e não saltos abruptos ou mudanças paramétricas. Embora as crianças, sem dúvida, tenham seu papel no processo de mudança, muitos exemplos de gramaticalização – incluindo muitos dos que serão discutidos neste trabalho – parecem ser iniciados por adultos e não por crianças, já que envolvem complexas inferências e funções discursivas associadas à estruturação de textos. Portanto, a gramaticalização precisa ser compreendida a partir de uma teoria de gramática que não privilegie aspectos paramétricos.

Nesse sentido, a motivação básica da gramaticalização está no princípio da exploração de velhos meios para assumir novas funções e na utilização de termos de sentido concreto para expressar conceitos mais abstratos. Como propõem Hopper e Traugott (2003), a competição entre as motivações, por um lado para a expressividade, que está na base dos processos de inferência metafórica e metonímica geradores de novos usos, e, por outro, a rotinização, que se manifesta nos mecanismos de reanálise e analogia motivam não apenas a ocorrência do processo de gramaticalização, mas sua unidirecionalidade.

Trabalhos como os de Heine e Kuteva (2005) e Heine e Kuteva (2006) têm demonstrado que, além das forças sócio-cognitivas inerentes às línguas, o contato entre línguas ou mesmo entre dialetos pode motivar processos de gramaticalização, através do mecanismo de replicação gramatical.

3. A trajetória de gramaticalização espaço > tempo > texto

O desenvolvimento dos elementos gramaticais, de um modo geral, parece refletir uma transferência para a estrutura do texto de dados provenientes do mundo das experiências sensório-motoras, dos processos cinéticos envolvendo os objetos concretos, assim como as noções espaciais e temporais relacionadas a esses processos. De fato, em muitas línguas, itens de valor espacial são usados como fonte para a expressão de conceitos gramaticais.

Isso levou Heine *et al.* (1991), a proporem um processo analógico chamado *metáfora espaço > discurso*, para caracterizar um tipo de mudança muito comum nas línguas humanas, que leva elementos de valor espacial a

assumirem funções típicas de conectivo. Na base desse processo está o fato de que a expressão de dados espaciais é mais básica e concreta do que a indicação das relações textuais. Vejamos o exemplo abaixo:

(10) Eu não sei matemática. *Isso* vai me atrapalhar no exame.

O elemento originalmente dêitico *isso*, que localiza os objetos no espaço físico, tendo como referência a localização dos participantes do ato da comunicação, passa a localizar informações dentro do texto (Marmaridou 2000). O que temos aqui é uma extensão da dêixis espacial para a dêixis textual, procedimento altamente produtivo nas línguas naturais: a organização espacial/ temporal do mundo físico é usada analogicamente para caracterizar o universo mais abstrato do texto.

A partir desses usos alusivos a trechos do texto, o elemento pode desenvolver função de conectivo. É o que ocorre com *isso*, que também pode ser usado como conjunção conclusiva, associado à preposição *por*:

(11) Caiu, *por isso* se machucou.

Essa trajetória reflete o modelo em três estágios, chamado *overlap model* por Heine (2003). Em um determinado momento, o elemento *isso* da construção *por isso*, por hipótese, se apresentou ambíguo entre o seu valor de pronome demonstrativo anafórico e sua função de formar, juntamente com a preposição *por*, uma construção que liga duas cláusulas, fazendo da segunda a conseqüência da primeira. De fato, essa origem é bastante evidente, já que a construção não apresenta um estágio avançado de gramaticalização, ao contrário do que acontece, por exemplo, com *porém*, cuja origem anafórica se perdeu.

Além da construção envolvendo o pronome espacial dêitico *isso*, outros conectivos portugueses parecem ter seus usos caracterizados por esse processo dêitico > fórico > conectivo. É o que ocorre com *aí*, conforme apresentado anteriormente no exemplo 3, com *porém*, como veremos adiante, e com itens que apresentam, em sua formação, elementos correlativos intensificadores, como *então*, *portanto*, *entretanto*, *tanto que*, entre outros. No que diz respeito aos correlativos, Leite e Jordão (1958) afirmam que os elementos originais latinos *tantus*, *tot*, *tam*, *tum* são derivados da raiz do grego *te*. A mesma raiz que compõe os pronomes demonstrativos latinos *iste*, *ista*, *istud*, o que sugere uma origem dêitica do elemento.

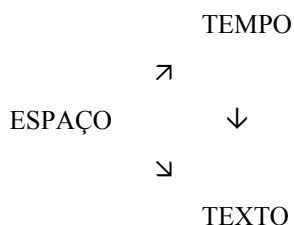
A passagem espaço > texto parece não se concretizar apenas através de usos anafóricos intermediários, já que existem outras formas de inferência. Casos como os de *depois* (proveniente do latim *post*), *logo*, *todavia*⁴, entre outros, pelo menos aparentemente não apresentam, em sua trajetória de mudança, valor anafórico. Vejamos o caso de *logo*:

⁴ *Todavia*, formado por *tuta* e *via*, no português arcaico apresentava valor temporal semelhante a *sempre* (Martelotta 1994)

- (12) a. Lançados som fora do mûdo e descenderõ aos jnfernos e outros se leuãtarõ ã seu **logo**. (Orto do Esposo)
- b. A primeira natureza da poonba he que en **logo** de cantar geme. (Livro das Aves)
- c. A Serra estava totalmente deserta, e os pingos de chuva que começavam a cair, **logo** se transformaram em um verdadeiro temporal. (D&G – 3º Grau-Escrita)
- d. ... e sentei-me na cama afim de vestí-la, mas acontece que em cima da cama havia um ferro de passar roupa usado a poucos instantes e **logo** quente ainda, sentei-me sobre ele e foi uma dor enorme. (D&G – 2º Grau-Escrita)
- e. Falar do meu quarto! **logo** do meu quarto! bem o meu quarto é uma verdadeira bagunça. É roupa pra lá e roupa pra cá. Você sabe como é quarto de menino. (D&G – 3º Grau-Escrita)

A seqüência de exemplos acima apresenta algumas ocorrências de *logo* que ilustram bem a gramaticalização sofrida por esse elemento lingüístico. Começemos observando as ocorrências apresentadas em 4a e 4b, que já não existem no português, pelo menos em sua variante brasileira. Elas demonstram a origem espacial dos usos atuais, que, segundo Machado (1977), está no latim *loco*, ablativo *locu-*, que significa *no lugar, no sítio, no momento, logo*. Por outro lado, os exemplos 4c e 4d apresentam respectivamente os valores temporal e textual (conectivo) do elemento. O exemplo 4e ilustra um uso mais enfático de *logo*, que indica a posição do falante em relação ao que fala. Por apresentarem função interna ao funcionamento da língua, no sentido de que marcam uma intenção do falante de dar uma direção argumentativa à sua fala, os usos apresentados em 4d e 4e são gramaticalizados.

Os valores de *logo* demonstram que, em muitos casos de desenvolvimento de conjunções, a polissemia do elemento envolvido no processo apresenta também um valor temporal. Heine *et al.* (1991) propuseram, então, uma trajetória de mudança semântica que um elemento lingüístico tenderia a sofrer até atingir o status de conectivo:



É a metáfora espaço discurso acrescido do elemento *tempo*. O argumento básico é semelhante ao que está subjacente à idéia da *metáfora espaço > discurso*: a expressão de dados espaciais é mais básica e concreta do que a expressão de dados temporais, que, por sua vez, é mais básica e concreta do que a indicação das relações textuais. A metáfora, nesses casos, ocorre em

função da extensão analógica do uso espacial do termo para valores temporais e textuais. É o que vemos nos usos de *depois*, apresentados abaixo:

- (13) a. ...você chega assim... tem... tipo de frente pra janela... a porta é à minha esquerda... aí toda parte da parede esquerda... tem armário... **depois** vem o freezer... a geladeira... mais um armário... (D&G – 3º grau)
- b. ...eu encontrei com eles depois... () assim... numa altura de quarenta minutos a uma hora... **depois** (D&G – 3º grau)
- c. esse Itamar é:: brincadeira... é muito ruim... não está:: conseguindo nada mesmo... o cara não tem a menor noção do que ele tinha que estar fazendo lá... é uma anta completa... e totalmente desespera/despreparado pra ser presidente... **depois**... não tem o menor controle mais sobre a economia... a inflação voltou a aumentar...

Podemos notar que, no exemplo 13a, o item *depois* tem um valor espacial, enquanto que, no exemplo 13b, apresenta valor temporal. Em 13c, o item perdeu aquele valor original de seqüencializador espacial/ temporal, e assumiu a função de adicionar argumentos em favor do que está sendo dito, passando a ter valor semelhante ao da construção *além disso*: trata-se, neste caso, de um uso textual.

3.1 O vocábulo *ainda*: uma proposta de análise

Muitas vezes temos de partir para uma análise diacrônica a fim de localizar os mecanismos que levam à mudança por gramaticalização. Vejamos, nesse sentido, o caso de *ainda*, que, segundo Vasconcelos (1921), apresenta o étimo *inde* + *ad* ou *ab* + *inde* + *ad*, contendo, em sua formação, o advérbio latino *inde*, que, mais tarde gerou o arcaico *ende*, também de valor basicamente espacial. O exemplo, retirado do texto a Demanda do Santo Graal, é de Magne (1944, III: 183):

- (14) Vós me metestes tam gram pesar no coração, que jamais mom sairá **ende**.

Nesse exemplo, o valor espacial do vocábulo se evidencia em seu valor anafórico, alusivo ao termo anteriormente mencionado *coração*. Ainda no português arcaico, encontramos, segundo Said Ali (1971: 187) a construção *porende*, com valor conclusivo, tendência semelhante à já demonstrada anteriormente com o pronome *isso/isto*⁵. Eis o exemplo do autor:

- (15) E vay-se tam taste que o nom poderedes já oje acalcar. E **porende** vos louvaria se ficardes...

⁵ Em Martelotta, Votre e Cezario (1996) são apresentados diferentes contextos em que *ende* ocorre como anafórico.

Não é incomum encontramos, na mesma época, a forma reduzida *porém* (*porem* ou *porê*), com o mesmo sentido conclusivo:

- (16) O coração ham fero e desejo bestial, e **porê** som muy enclinados pera luxuria... (Orto do Esposo)

Segundo Said Ali (1971:187) esse uso arcaico de *porém*, com valor conclusivo, gerou o valor adversativo que o elemento possui hoje. O autor propõe ainda que o novo uso adversativo desenvolveu-se a partir de contextos em que se podia inferir um valor contrastivo do elemento: frases negativas. Com isso, Said Ali descreve o processo de pressão pragmática, proposto em Traugott e Dasher (2005), que veicula a gramaticalização, através da idéia de que de que emissor e receptor negociam interativamente o significado nos diferentes contextos de uso. Eis alguns dos exemplos do autor para esse contexto gerador do novo uso:

- (17) a. E ainda que quando o levaram diante d'el-rei desmaiou, não desfalleceu **porem** em sua firmeza, mas foi um natural pejo.
 b. A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas não quebraram **porem** os duros ânimos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra.

Voltando agora ao item *ainda*, cognato de *porém*, podemos encontrar no português atual usos desse item com valor temporal e textual:

- (18) a. ... é uma profissão pouco::... como posso falar? pouco::... reconhecida... no mercado brasileiro... na Europa já é uma coisa muito antiga... mas aqui no Brasil... é a coisa ... **ainda** muito nova... (D&G – 3º Grau)
 b. Eu gosto de ficar no meu quarto, lá tem uma cama que é encostada na parede, ao lado uma mesinha de cabeceira, do outro lado tem um armário onde há uma penteadeira e também um banquinho, no fundo existem 3 prateleiras com bichinhos de pelúcia, e também uma em cima da cama com alguns livros, há **ainda** um almofadão e um tapete. (D&G – 2º Grau-Escrita)

No exemplo 18a, temos um uso temporal de *ainda*, que apresenta também uma marca de contra-expectativa, ou seja, indica, de certo modo, que o falante trabalha com as expectativas do ouvinte ao produzir seu discurso. No caso, temos uma construção de contraste: “na Europa já é uma coisa muito antiga... mas aqui no Brasil... é a coisa ... **ainda** muito nova”. Vale observar a presença do adversativo *mas*, ligando as duas cláusulas.

No exemplo 18b, temos o que poderia ser caracterizado como uso inclusivo de *ainda*. Trata-se de um caso em que *ainda* possui valor semelhante ao do vocábulo *também*, perdendo o valor temporal original e assu-

mindando a função, tipicamente textual, de incluir novas informações no fluxo do discurso.

Em alguns contextos esse uso inclusivo pode assumir um valor enfático, encontrável nos trechos reproduzidos abaixo:

- (19) a. ... a escola República de Angola já caiu o::/ um pedaço da parede na cabeça de um meni::no... né? deixam as escolas nes... nessa situação... e **ainda** renumeram mal os professores...
- b. ... às vezes tudo sujo... tudo bagunçado... e a turma do dia bota a culpa na gente... né? porque estuda de noite... já temos mau... coisa... **ainda** fazendo isso então... piorou tudo a situação...

Nesses exemplos, *ainda* parece indicar que a cláusula que ele inicia possui um peso maior no conjunto de informações apresentadas pelo falante. É bem possível que esse uso enfático tenha sido estendido a um outro uso, em que *ainda* modifica advérbios, muitas vezes intensificando seu sentido. Esse uso aparece em construções como *ainda hoje*, *ainda agora*, *ainda esta semana*, marcado a proximidade temporal com o momento da fala. Pode também referir-se a outros tipos de advérbios:

- (20) a. bom... **ainda** bem que você não se machucou... né? (D&G – 2º Grau)
- b. Como todo mundo sabe quando acontecesse essas coisas **ainda** mais com morte... todos estão no local são obrigados a ir para delegacia prestar depoimentos... (D&G – CASupletivo-Escrita)

Nesses casos, *ainda* possui valor intensificador. Refere-se ao advérbio que o sucede, enfatizando o conteúdo por ele expresso.

4. Considerações finais

Gramaticalização constitui um tipo de mudança lingüística que leva elementos do léxico a assumirem progressivamente valores gramaticais. Os exemplos aqui apresentados, envolvendo diversos conectivos portugueses, apontam para um processo altamente regular na nossa língua, uma vez que se aplica, com grande freqüência, a elementos de natureza semelhante, através de mecanismos específicos. Se levamos em consideração os vários exemplos em outras línguas, apresentados na literatura, podemos concluir que os mecanismos de gramaticalização atuam não apenas de modo atemporal ou pancrônico em momentos distintos da evolução histórica de uma mesma língua, mas de modo translingüístico, afetando itens de natureza semelhante em línguas diferentes.

A extensão semântica que vemos na trajetória de gramaticalização espaço > tempo > texto é uma marca dessa regularidade, que se manifesta pela atuação de mecanismos de natureza sócio-cognitiva. Trata-se de um

mecanismo de transferência do mundo das experiências sensório-motoras, dos objetos do mundo concreto para o mundo do discurso. Esse mecanismo, de natureza metafórica, se associa a processos de pressão pragmática, decorrentes da negociação do sentido por falante e ouvinte, nos diferentes contextos de uso.

Muitas críticas têm sido feitas às propostas que a teoria da gramaticalização apresenta para descrever a natureza e a origem de polissemias que incorporam usos gramaticais, como a que caracteriza os elementos do tipo aqui analisado. Essas críticas atacam, sobretudo, a visão linear (valores que se desenvolvem de outros de modo seqüencial) e unidirecional (do concreto para o abstrato) do processo que estariam na base dessa polissemia.

A linearidade do processo é questionada principalmente pelo fato de que muitas vezes não temos evidências históricas de que, em momentos anteriores da evolução de uma língua, havia apenas os usos lexicais, característicos do início da trajetória e, conseqüentemente, de que os usos mais gramaticalizados apareceram somente com a evolução histórica da língua (Votre: 1999; Ferreira: 2000). Ao contrário, afirmam os críticos, as pesquisas sugerem que todos os usos da polissemia já ocorriam em fases bastante antigas da língua.

Mas essa proposta parece refletir mais eficientemente polissemias que permanecem no domínio do léxico. Muitas pesquisas acerca de conectivos portugueses, por exemplo, sugerem que valores mais gramaticais são encontrados apenas em fases mais recentes do português⁶. Além disso, pesquisas com pidgins e crioulos, situação ideal para percebermos o surgimento dos usos lingüísticos, demonstram a origem discursiva de elementos estruturas gramaticais (Sankoff 1980).

Esses argumentos também valem como resposta às críticas à hipótese da unidirecionalidade, já que tanto análises diacrônicas quanto pesquisas acerca de pidgins apontam vasto material para ratificar a regularidade que envolve as fontes e os resultados da mudança. É claro que há contra-exemplos à unidirecionalidade, mas são poucos e de natureza idiossincrática, no sentido de que não se prestam para generalizações translingüísticas. Além disso, os contra-exemplos nem sempre constituem reversões de gramaticalização, mas reflexos da atuação de processos distintos que entram em competição, no jogo comunicativo, com as tendências típicas de gramaticalização.

Há ainda algumas questões de natureza teórica, relacionadas à hipótese da unidirecionalidade, que merecem ser avaliadas. Por que pensar, por exemplo, em trajetórias do espaço para o texto e não do texto para o espaço, se é através da utilização da linguagem que o homem dá significação ao mundo que o cerca, se é no contexto da interação comunicativa que os

⁶ Silva e Silva (2001) constatou apenas o valor conectivo temporal de *mal* em textos a partir do século XVIII. Do mesmo modo, Martelotta e Frederico (2005) não encontraram, no português arcaico, o vocábulo *mesmo* utilizado com valor concessivo, uso muito comum no português atual.

interlocutores negociam a significação? Essa é uma questão difícil de ser respondida, mas qualquer tentativa nesse sentido deve registrar que, colocada dessa forma, a questão assume um caráter mais simples do que ela, na realidade, apresenta.

De fato, a visão que está subjacente a esta análise é a de que o texto é uma criação conjunta, resultante de um acordo entre falante e ouvinte, que, juntos, criam a significação que norteia sua relação com o mundo e com seus semelhantes. Nesse sentido, é claro, poderíamos ver o texto como a fonte organizadora dos dados do mundo que nos cerca. Entretanto, esse processo criativo, efetivado no ato de fala não se dá de modo arbitrário e localizado, já que os interlocutores se valem de mecanismos cognitivos que são específicos da espécie humana e que restringem o processo comunicativo.

Assim, podemos dizer que o texto, como o resultado da atuação da inteligência humana, concretiza os mecanismos básicos que estão subjacentes ao modo como captamos os dados da experiência, bem como ao acesso, à utilização e à socialização desses dados em contextos reais de comunicação. Parece-nos que é nesse ponto que ocorre o movimento do espaço para o texto: na negociação da significação, manifesta-se como uma boa estratégia interativa (e provavelmente a estratégia mais natural) utilizar os mecanismos cognitivos básicos comuns a falante e ouvintes. No caso deste trabalho, isso se manifesta na utilização de dados concretos para a conceptualização de noções abstratas, que resulta no uso de vocábulos designativos dados espaciais concretos para organizar a estrutura textual.

Referências

- Binton, Laurel J. & Elizabeth Closs Traugott 2002. *Lexicalization versus grammaticalization revisited*. MLA.
- Brinton, Laurel J. & Elizabeth Closs Traugott 2005. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campbell, Lyle 2001. What's wrong with grammaticalization? In Lyle Campbell & Richard Janda (eds) *Language Sciences* 23, pp. 113-161.
- Ferreira, Lúcia Maria Alves 2000. *A estabilidade semântico-sintática do modal poder: evidências em três sincronias*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado.
- Givón, Talmy 2005. *Context as other minds: the pragmatic of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Haspelmath, Martin 2002. *On directionality in language change with particular reference to grammaticalization*. Disponível em <http://www.eva.mpg.de/~haspelmt/Directionality.pdf>. (Acesso em 20 set. 2006).
- Heine, Bernd; Ulrike Claudi & Friederike Hünemeyer 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Heine, Bernd 2003. *Grammaticalization*. In Brian D. Joseph & Richard D. Janda (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell.

- Heine, Bernd 2007. *Grammatialization espace > time > text*. Handout apresentado no I Workshop on Grammaticalization of the Discourse and Grammar Research Group/ XI Seminário do Grupo de Estudos Discurso e Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Heine, Bernd & Tânia Kuteva 2005. *Language contact and grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Heine, Bernd & Tânia Kuteva 2006. *The changing languages of Europe*. Oxford: Oxford University Press.
- Heine, Bernd & Tânia Kuteva 2007. *The gênesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford Univesity Press.
- Hopper, Paul J. 1998. Emergent Grammar. In Michael Tomasello (ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure* vol I. New Jersey/ London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Hopper, Paul J. & Elizabeth-Closs Traugott 2003². *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Langaker, Ronald W. 1977. Syntactic reanalysis. In Charles N. Li. (ed.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press.
- Lehman, Christian 2002. *New reflections on grammaticalization and lexicalization*. Disponível em http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/New_reflections.pdf. (Acesso em 16 fev. 2006).
- Lehman, Christian 2005. *Theory and method in grammaticalization*. Disponível em http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/Theory&method_in_grammaticalization.pdf. (Acesso em 23 set. 2005).
- Leite, J. F. Marques & A. J. Novaes Jordão 1958. *Dicionário latino vernáculo*. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda.
- Maler, Bertil 1956. *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL.
- Mahado, José Pedro 1977. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte Ltda.
- Magne, Augusto 1944. *A demanda do santo graal: glossário*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Marmaridou, Sophia S. A. 2000. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- Martelletta, Mario E. 1994. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Martelotta, Mario E. 2006. *Funcionalismo e cognição*. In Maria Angélica Furtado da Cunha (org.) *Linguística funcional: a interface linguagem e ensino*. Natal, RN: EDUFERN.
- Martelotta, Mário E. & Elaine S. Frederico 2005. Os usos do vocábulo mesmo e suas flexões. *Transformar: Revista do Centro de Pesquisa e Extensão (CenPE)* 3, pp. 163-176.
- Martelotta, Mario E.; Sebastião J. Votre & Maria M. Cezário 1996. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- Mattos e Silva, Rosa Virgínia 2002. A variação ser/estar e haver/ter nas Cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In, Rosa Virgínia Mattos e Silva & Américo V. Lopes Machado Filho (orgs.) *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA/Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Nunes, José Joaquim 1989. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.
- Oliveira, Mariangela Rios de & Votre, Sebastião 1995. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro – materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ (inédito).
- Rossi, Nelson *et al.* 1965. *Livro das aves*. Rio de Janeiro: INL/MEC.
- Said Ali, M. 1971. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Sankoff, Gillian 1980. *The social life of language*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- Silva e Silva, Edna Inácio da 2001. *As tendências de ordenação do advérbio mal: uma análise diacrônica*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado.
- Sweetser, Eve E. 1990. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tomasello, Michael (ed.) 1998. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure* Vol. I. New Jersey/ London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Tomasello, Michael (ed.) 2003. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure* Vol. II. New Jersey/ London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Traugott, Elizabeth Closs & Bernd Heine 1991. *Approaches to grammaticalization* Vol. I. *Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins.
- Traugott, Elizabeth Closs & Ekkehard König 1991. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In Elizabeth Closs Traugott & Bernd Heine (eds.) *Approaches to grammaticalization. Focus on theoretical and methodological issues* Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Traugott, Elizabeth Closs 2003. Constructions in grammaticalization. In, Brian D. Joseph & Richard D Janda (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell.
- Traugott, Elizabeth C. & Richard Dasher 2005. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vasconcelos, Carolina Michaelis de 1921. *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Editora Clássica.
- Vincent, Diane; Sebastião Votre & Marty Laforest 1993. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. *Langues et Linguistique* 19, Québec: Université Laval, pp. 72-103.
- Votre, Sebastião J. 1999. *Cognitive verbs in Portuguese and Latin: unidirectionality revisited*. Santa Bárbara: Universidade da Califórnia (inédito).
- Votre, Sebastião J.; Maria Maura Cezário & Mário E. Martelotta 2004. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ.